

RESILIÊNCIA E AUTONOMIA: O EMPREENDEDORISMO DE REFUGIADOS COMO CAMINHO PARA A CIDADANIA ECONÔMICA NO BRASIL

RESILIENCE AND AUTONOMY: REFUGEE ENTREPRENEURSHIP AS A PATH
TO ECONOMIC CITIZENSHIP IN BRAZIL

RESILIENCIA Y AUTONOMÍA: EL EMPRENDIMIENTO DE PERSONAS
REFUGIADAS COMO CAMINO HACIA LA CIUDADANÍA ECONÓMICA EN
BRASIL

Ricardo Nascimento Ferreira¹, Paola Bastos Lohmann²

DOI: 10.54899/dcs.v22i82.3489

Recibido: 29/08/2025 | Aceptado: 26/09/2025 | Publicación en línea: 30/09/2025.

RESUMO

Este estudo investiga o empreendedorismo de refugiados como estratégia de inclusão socioeconômica e fortalecimento da cidadania econômica no Brasil. A pesquisa parte do problema da escassa produção científica nacional sobre trajetórias empreendedoras de pessoas em situação de refúgio e das barreiras estruturais que dificultam seu acesso a trabalho, crédito e reconhecimento profissional. O objetivo central é analisar como o empreendedorismo, apoiado por políticas públicas e programas institucionais, pode atuar como mecanismo de resiliência, autonomia e reconstrução identitária. Adotou-se abordagem qualitativa, de caráter exploratório e , fundamentada na Teoria da Resiliência e na Teoria da Inclusão Econômica. Foram realizadas análise de conteúdo e análise narrativa de 20 entrevistas com refugiados de diferentes nacionalidades, participantes de cursos de capacitação profissional promovidos pelo CEFET/RJ em parceria com o ACNUR, complementadas por dados secundários de bases nacionais e internacionais. Os resultados evidenciam que a capacitação técnica, o apoio linguístico e as redes comunitárias funcionam como pilares de inclusão produtiva, enquanto barreiras legais e de reconhecimento de diplomas impulsionam soluções criativas e inovação. Conclui-se que o empreendedorismo, quando respaldado por políticas públicas específicas e programas institucionais, contribui de forma significativa para a geração de renda, o fortalecimento da autonomia e a integração cultural de refugiados, alcançando os objetivos propostos e oferecendo recomendações para políticas de inclusão mais abrangentes.

Palavras-chave: Empreendedorismo de Refugiados. Inclusão Socioeconômica. Resiliência. Cidadania Econômica. Políticas Públicas. Análise Narrativa.

¹ Doutorando em Administração, Universidade Unigranrio, Rio de Janeiro , Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: ricardo.n.ferreira@terra.com.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-7905-101X>

² Doutora em Turismo, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. E-mail: paola.lohmann@unigranrio.com.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8818-3099>

ABSTRACT

This study investigates refugee entrepreneurship as a strategy for socioeconomic inclusion and the strengthening of economic citizenship in Brazil. The research addresses the scarcity of national scientific production on entrepreneurial trajectories of people in refugee situations and the structural barriers that hinder their access to employment, credit, and professional recognition. The main objective is to analyze how entrepreneurship, supported by public policies and institutional programs, can function as a mechanism of resilience, autonomy, and identity reconstruction. A qualitative, exploratory, and descriptive approach was adopted, grounded in the Theory of Resilience and the Theory of Economic Inclusion. Content analysis and narrative analysis were carried out with 20 interviews of refugees from different nationalities, participants in professional training courses offered by CEFET/RJ in partnership with UNHCR, complemented by secondary data from national and international sources. The results show that technical training, language support, and community networks serve as pillars of productive inclusion, while legal barriers and non-recognition of diplomas drive creative solutions and innovation. It is concluded that entrepreneurship, when supported by specific public policies and institutional programs, significantly contributes to income generation, empowerment, and cultural integration of refugees, achieving the proposed objectives and offering recommendations for more comprehensive inclusion policies.

Keywords: Refugee Entrepreneurship. Socioeconomic Inclusion. Resilience. Economic Citizenship. Public Policies. Narrative Analysis.

RESUMEN

Este estudio investiga el emprendimiento de personas refugiadas como estrategia de inclusión socioeconómica y fortalecimiento de la ciudadanía económica en Brasil. La investigación parte del problema de la escasa producción científica nacional sobre las trayectorias emprendedoras de personas en situación de refugio y de las barreras estructurales que dificultan su acceso al trabajo, al crédito y al reconocimiento profesional. El objetivo central es analizar cómo el emprendimiento, apoyado por políticas públicas y programas institucionales, puede actuar como un mecanismo de resiliencia, autonomía y reconstrucción identitaria. Se adoptó un enfoque cualitativo, de carácter exploratorio y descriptivo, fundamentado en la Teoría de la Resiliencia y en la Teoría de la Inclusión Económica. Se realizaron análisis de contenido y análisis narrativo de 20 entrevistas a personas refugiadas de diferentes nacionalidades, participantes en cursos de capacitación profesional promovidos por el CEFET/RJ en asociación con ACNUR, complementados con datos secundarios de fuentes nacionales e internacionales. Los resultados evidencian que la capacitación técnica, el apoyo lingüístico y las redes comunitarias funcionan como pilares de inclusión productiva, mientras que las barreras legales y el reconocimiento de títulos impulsan soluciones creativas e innovación. Se concluye que el emprendimiento, cuando está respaldado por políticas públicas específicas y programas institucionales, contribuye de manera significativa a la generación de ingresos, al fortalecimiento de la autonomía y a la integración cultural de las personas refugiadas, alcanzando los objetivos propuestos y ofreciendo recomendaciones para políticas de inclusión más amplias.

Palabras clave: Emprendimiento de Personas Refugiadas. Inclusión Socioeconómica. Resiliencia. Ciudadanía Económica. Políticas Públicas. Análisis Narrativo.



INTRODUÇÃO

O Brasil consolidou-se nas últimas décadas como um dos principais destinos de pessoas forçadas a deixar seus países em razão de conflitos armados, perseguições políticas, crises econômicas e instabilidades sociais. De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e o Ministério da Justiça e Segurança Pública, até o final de 2024 o país abrigava cerca de 156.612 refugiados reconhecidos e registrou 68.159 novas solicitações de refúgio, com destaque para venezuelanos, cubanos, angolanos, indianos e vietnamitas. Esses números refletem a diversidade dos fluxos migratórios que buscam proteção humanitária e novas oportunidades em território brasileiro. Apesar de um marco jurídico relativamente avançado, que inclui a Lei nº 9.474/1997 e políticas de acolhimento humanitário, a integração dessa população enfrenta barreiras culturais, linguísticas, legais e econômicas que limitam o acesso ao mercado de trabalho, à educação e a serviços essenciais, comprometendo a autonomia e a inclusão social. Nesse cenário, o empreendedorismo emerge como alternativa estratégica para geração de renda, reconstrução de trajetórias e fortalecimento da cidadania econômica de pessoas em situação de refúgio.

A produção científica nacional sobre o tema, entretanto, ainda é restrita. Poucos estudos analisam de maneira integrada a resiliência individual e coletiva, o apoio institucional, os entraves legais, a sustentabilidade dos negócios e os efeitos das políticas públicas voltadas ao empreendedorismo de refugiados. Embora a literatura internacional destaque o potencial transformador do empreendedorismo migrante, a realidade brasileira permanece pouco explorada, sobretudo no que se refere à articulação entre programas de capacitação, acolhimento institucional e políticas públicas de incentivo. Com o propósito de suprir essa lacuna, o presente estudo fundamenta-se em duas perspectivas teóricas complementares. A Teoria da Resiliência (Ungar, 2021) explica como indivíduos reorganizam suas vidas diante de adversidades, permitindo compreender o empreendedorismo como ato de resistência, reconstrução identitária e fortalecimento da autonomia. Já a Teoria da Inclusão Econômica (Banco Mundial, 2023) oferece elementos para avaliar as condições que possibilitam a participação efetiva de grupos vulneráveis nos processos produtivos, destacando o papel de políticas públicas e programas institucionais no

apoio à inclusão produtiva.

A pesquisa tem como campo empírico o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), única instituição pública do estado do Rio de Janeiro com um programa contínuo e estruturado de capacitação técnica e acolhimento de refugiados. Em parceria com o ACNUR, a instituição oferece cursos de produção de alimentos, vagas específicas em cursos técnicos e apoio psicossocial, configurando um ambiente propício para analisar como iniciativas institucionais contribuem para a autonomia financeira e a integração cultural dessa população.

Com base nesse contexto, a investigação busca responder à pergunta central: como o empreendedorismo, apoiado por políticas públicas e programas institucionais, pode atuar como mecanismo de inclusão socioeconômica, resiliência e reconstrução identitária de refugiados no Brasil?

O objetivo geral consiste em analisar a contribuição do empreendedorismo para a inclusão socioeconômica de refugiados no Brasil, com foco nas ações desenvolvidas pelo CEFET/RJ em parceria com o ACNUR. De forma específica, o estudo pretende mapear as barreiras estruturais, legais e culturais enfrentadas por refugiados no processo de empreender; avaliar o impacto da capacitação técnica, do apoio linguístico e das redes de apoio comunitárias na criação e sustentabilidade de negócios; identificar práticas de resiliência e estratégias de inovação utilizadas pelos refugiados para superar obstáculos e consolidar seus empreendimentos; e mensurar as contribuições dessas iniciativas para a geração de renda, o fortalecimento da autonomia e a integração cultural dos participantes. Organizado em seis seções, o artigo apresenta, após esta introdução, o referencial teórico sobre refúgio, migração e empreendedorismo, descreve a metodologia empregada, discute os resultados obtidos, expõe as conclusões com as principais descobertas e limitações e, por fim, reúne as referências que embasam a pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

O empreendedorismo, especialmente em contextos de vulnerabilidade e migração forçada, atua como instrumento de autonomia, identidade e reinserção socioeconômica para refugiados. Este estudo fundamenta-se na Teoria da Resiliência (Ungar, 2021), que explica a reconstrução de trajetórias diante de adversidades, e na Teoria da Inclusão Econômica (Banco Mundial, 2023), que analisa as condições para a participação produtiva de grupos marginalizados.

Essas abordagens permitem interpretar o empreendedorismo de refugiados como estratégia multidimensional que combina superação pessoal, adaptação cultural, geração de renda e contribuição ao desenvolvimento local, ressaltando o papel das políticas públicas, da educação profissional e do apoio institucional.

O Conceito de Refúgio e o Contexto Migratório no Brasil

De acordo com a Convenção de Genebra de 1951, ratificada pelo Brasil, é considerado refugiado quem, por medo de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a grupo social ou opinião política, encontra-se fora de seu país de origem e não pode ou não deseja retornar. A legislação brasileira ampliou esse conceito: a Lei nº 9.474/1997 e o Decreto nº 8.945/2016 incluem também pessoas que fogem de violência generalizada, conflitos armados ou graves perturbações da ordem pública, reforçando o compromisso humanitário do país.

Dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e do Ministério da Justiça e Segurança Pública mostram que, até o final de 2024, o Brasil registrava 156.612 refugiados reconhecidos. Somente naquele ano foram 68.159 novas solicitações de refúgio, um aumento de 16,3% em relação a 2023, e 13.632 pessoas obtiveram o reconhecimento oficial. As principais nacionalidades entre os solicitantes foram venezuelanos (39,8%), cubanos (32,7%), angolanos (5%), indianos (3,1%) e vietnamitas (2,8%). Do total, 59,1% eram homens e 40,9% mulheres, sendo que 24,3% destas tinham menos de 15 anos, evidenciando a presença expressiva de crianças e adolescentes. Embora a legislação assegure acesso à saúde, educação e trabalho, a integração ao mercado formal permanece desafiadora. Barreiras linguísticas, desconhecimento das normas brasileiras, discriminação e falta de reconhecimento de qualificações profissionais dificultam a inclusão socioeconômica. Para enfrentar esses entraves, o país mantém iniciativas como o Programa Brasileiro de Patrocínio Comunitário para Afegãos (2024), que mobiliza organizações da sociedade civil no acolhimento, e a Operação Acolhida (desde 2018), responsável pela interiorização de mais de 128 mil venezuelanos. Mesmo com avanços e reconhecimento internacional pela política de acolhida, os dados revelam a necessidade de medidas adicionais para superar as barreiras estruturais que limitam a inserção social e econômica de refugiados no Brasil.

A Teoria da Resiliência

A Teoria da Resiliência, revisitada por Ungar (2021), oferece um arcabouço teórico consistente para interpretar o empreendedorismo como resposta adaptativa diante de contextos de extrema adversidade. Para além de uma simples capacidade de resistência, a resiliência envolve a habilidade de reorganizar a trajetória de vida em meio à instabilidade, às perdas e à ruptura de vínculos identitários e sociais. Aplicada à realidade dos refugiados, essa teoria permite compreender o empreendedorismo não apenas como estratégia econômica, mas também como instrumento de reconstrução simbólica, recuperação de autonomia e reinserção social. Empreender, nesse contexto, é um ato de ressignificação pessoal e coletiva, uma forma de transformar experiências de exclusão em oportunidades de pertencimento. Dados recentes do Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI-SP, 2024) e de organizações como o ACNUR e a OIM apontam que, em cidades como São Paulo, Boa Vista, Manaus e Curitiba, houve um crescimento expressivo na abertura de pequenos negócios liderados por refugiados, como restaurantes típicos, salões de beleza, serviços de costura, barbearias e vendas de alimentos. Esses empreendimentos, além de contribuírem para a economia local, representam práticas concretas de resiliência e inovação diante das adversidades do deslocamento forçado.

Em síntese, o empreendedorismo, quando articulado a uma perspectiva de resiliência, torna-se uma poderosa estratégia de superação de vulnerabilidades, de reconstrução de trajetórias e de promoção da inclusão social e econômica de populações refugiadas no Brasil.

A Teoria da Inclusão Econômica e o Papel do Empreendedorismo

A Teoria da Inclusão Econômica, apresentada pelo Banco Mundial (2023), afirma que o desenvolvimento sustentável depende da integração efetiva e equitativa de grupos vulneráveis aos processos produtivos. Inclusão econômica significa criar condições reais para que todos tenham acesso a geração de renda, proteção social e participação nos benefícios do crescimento, indo além da simples oferta de empregos formais. A teoria se apoia em três dimensões: acesso a recursos produtivos como educação, capacitação, crédito, tecnologia e infraestrutura; participação em mercados e redes – que exige remover barreiras legais e institucionais; e benefício equitativo com distribuição justa dos frutos do crescimento por meio de políticas públicas, apoio institucional e mecanismos de proteção social.

Aplicada aos refugiados, a teoria mostra como políticas e programas podem transformar vulnerabilidade em capacidade produtiva. Obstáculos como não reconhecimento de diplomas, barreiras linguísticas, falta de garantias legais e discriminação limitam a inserção formal. O Banco Mundial (2023) destaca que a inclusão requer também ações ativas: capacitação profissional, orientação jurídica, microcrédito e acesso a redes de negócios.

Nesse contexto, o empreendedorismo é central. Ele garante renda própria, reconhecimento social, redes de apoio e integração cultural. Marques e Oliveira (2023) ressaltam que a efetividade depende de capacitação alinhada ao mercado, microcrédito sem juros e orientação jurídica para formalização e regularização migratória. No Brasil, a plataforma da UNHCR (2023) já apoia negócios liderados por refugiados, facilitando microcrédito e formação empresarial.

Pesquisas internacionais reforçam esse quadro. Lång et al. (2024) organizam a literatura sobre empreendedorismo de refugiados e identificam teorias-chave como *embeddedness* social e institucional. Khademi, Essers e Van Nieuwkerk (2024) propõem um marco que combina *mixed embeddedness* e perspectiva interseccional. O relatório do World Bank Group (2023) mostra que empreendimentos de refugiados geram trabalho também para comunidades locais.

Na América Latina, entretanto, a produção acadêmica ainda é escassa. No Brasil, estudos de Diniz et al. (2022) e Falcão et al. (2020) indicam que, diante da ausência de políticas integradas, laços familiares e comunitários funcionam como capital social, canais de informação e financiamento informal, inclusive transnacional, permitindo a criação e manutenção de negócios, sobretudo por mulheres. Pesquisas nacionais (Silva & Almeida, 2021; Souza et al., 2022) destacam o papel de universidades, ONGs e associações de migrantes na capacitação, na assessoria jurídica e na formalização, mas apontam que esses esforços permanecem insuficientes sem políticas permanentes e linhas de crédito acessíveis. A Teoria da Inclusão Econômica não é apenas um conceito abstrato: propõe políticas integradas que unem crescimento econômico e justiça social. Esse referencial ajuda a entender como o empreendedorismo de refugiados pode impulsionar autonomia, resiliência e coesão social, transformando vulnerabilidade em cidadania econômica. A integração desses referenciais fortalece a interpretação dos resultados e amplia as possibilidades de formulação de políticas públicas e estratégias institucionais mais efetivas. Essas fontes, ao serem integradas, ampliam a robustez conceitual, permitem comparações internacionais e enriquecem o debate teórico-metodológico.

METODOLOGIA

Este estudo qualitativo, de caráter exploratório e descritivo, analisa as experiências de refugiados em programas de capacitação profissional do CEFET/RJ para compreender trajetórias empreendedoras, percepções de inclusão socioeconômica e desafios do deslocamento forçado. O método qualitativo permite captar fatores culturais, jurídicos, econômicos e sociais que influenciam autonomia e empoderamento, fundamentando-se na Teoria da Resiliência (Ungar, 2021) e na Teoria da Inclusão Econômica (Banco Mundial, 2023). Foram aplicadas análise narrativa e análise de conteúdo (Bardin, 2016): a primeira para reconstruir contextos e a segunda para identificar padrões, combinando categorias dedutivas e indutivas. A opção por abordagem qualitativa e documental responde ao caráter exploratório do fenômeno e à carência de dados quantitativos no Brasil.

A pesquisa seguiu as normas éticas da Resolução CNS nº 510/2016, garantindo participação voluntária, anonimato e liberdade de expressão, o que favoreceu a autenticidade das narrativas. A coleta de dados ocorreu no curso de capacitação do CEFET/RJ em parceria com o ACNUR, única instituição pública do Rio de Janeiro com programa contínuo de acolhimento e qualificação técnica para refugiados, justificando a escolha do campo empírico. Entre maio e junho de 2025, foram realizadas 20 entrevistas narrativas com refugiados da Venezuela, Síria, Angola e Haiti, todos participantes diretos do programa. O levantamento teórico e documental abrangeu bases como Scopus, Web of Science e SciELO, além de repositórios de ACNUR e OIM, contemplando publicações de 2015 a 2024 em português, inglês e espanhol. As entrevistas seguiram Bastos e Andrade (2015) e Labov (1997), explorando trajetória migratória, experiência no programa, práticas empreendedoras, barreiras e perspectivas. As narrativas foram organizadas em sumário, orientação, ação complicada, avaliação, resultado e coda, revelando motivações, estratégias de resiliência e o papel do apoio institucional no empreendedorismo. A triangulação de fontes, a consistência metodológica e critérios claros de seleção asseguraram rigor e confiabilidade. Embora restrita a um único programa, a diversidade de perfis e a profundidade dos relatos conferem robustez analítica, evidenciando padrões e singularidades essenciais para compreender o empreendedorismo de migrantes forçados no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise de 20 depoimentos de refugiados dos programas de formação e acolhimento do CEFET/RJ (maio–junho/2025) evidenciou como trajetórias empreendedoras combinam fatores subjetivos agência, identidade e vivências de trauma e estruturais, como acesso a direitos, reconhecimento profissional e políticas públicas. Os achados, organizados em quatro proposições analíticas, apoiam-se nas Teorias da Resiliência (Ungar, 2021) e da Inclusão Econômica (Banco Mundial, 2023), com falas preservadas de forma anônima. O grupo era majoritariamente venezuelano (40%), seguido por haitianos, sírios, angolanos, congoleses e palestinos, predominando ensino médio completo ou incompleto e alguns casos de formação superior não validada. As entrevistas abertas abordaram experiência migratória, impacto da capacitação técnica, práticas empreendedoras, barreiras e estratégias de adaptação. As narrativas apontam o empreendedorismo como meio de geração de renda, reconstrução identitária, fortalecimento de redes de apoio e inclusão socioeconômica, destacando a interação entre resiliência individual, apoio institucional e integração cultural. A Tabela 1 apresenta o Roteiro de Perguntas da Entrevista resume os eixos temáticos e questões que estruturaram a coleta de dados.

Tabela 1- Roteiro de Perguntas da Entrevista

Eixo Temático	Pergunta	Objetivo da Pergunta
Trajetória migratória	Pode contar como foi sua chegada ao Brasil e quais foram os principais desafios que enfrentou ao chegar?	Compreender o contexto de deslocamento forçado, as primeiras dificuldades e o impacto inicial da migração.
Experiência com o programa do CEFET/RJ	Como conheceu o programa do CEFET/RJ e por que decidiu participar?	Identificar a motivação para ingressar no programa e as expectativas iniciais.
Formação técnica e aprendizado	Quais conhecimentos e habilidades você adquiriu durante o curso? Como eles têm ajudado no seu negócio?	Avaliar a relevância da capacitação técnica para a prática empreendedora e inclusão produtiva.
Práticas empreendedoras	Como você começou seu negócio e quais produtos ou serviços oferece?	Mapear o tipo de empreendimento criado, seu setor e estratégia inicial.
Redes de apoio	Quem o apoiou no início do seu negócio? Como essas pessoas ou grupos ajudaram?	Entender o papel das redes sociais, familiares e comunitárias no fortalecimento do empreendimento.
Barreiras enfrentadas	Quais foram as maiores dificuldades para abrir ou manter seu negócio no Brasil?	Levantar obstáculos estruturais, legais, financeiros e culturais.
Estratégias adaptativas	Que soluções ou estratégias você encontrou para superar essas dificuldades?	Identificar práticas criativas e adaptativas desenvolvidas pelos refugiados.

Impactos pessoais e profissionais	O que mudou na sua vida depois de começar a empreender?	Captar percepções sobre autonomia, autoestima e integração social.
Perspectivas de futuro	Quais são seus planos para o negócio e para sua vida no Brasil?	Entender expectativas e objetivos de longo prazo.

Fonte – Elaborado pelos autores

O Programa do CEFET/RJ como Plataforma de Inclusão Produtiva

O Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) desenvolveu, em parceria com o ACNUR, uma série de ações voltadas ao acolhimento e à formação de refugiados, com destaque para: (i) Cursos de capacitação técnica em áreas como produção de alimentos, estética e manutenção; (ii) Vagas remanescentes reservadas em cursos técnicos regulares; (iii) Atendimento psicológico e apoio linguístico; (iv) Feiras de empreendedorismo e eventos multiculturais. Essas ações foram amplamente reconhecidas pelos participantes como fundamentais para sua reconstrução de vida no Brasil.

“Eu achava que nunca ia poder estudar de novo. No CEFET, aprendi uma profissão e consegui vender bolos com segurança.” (Entrevistada 02, Haiti)

“No curso técnico me explicaram como calcular preço, fazer divulgação, entender o cliente. Nunca tive isso no meu país.” (Entrevistado 08, Síria)

Na primeira proposição os refugiados reconhecem o empreendedorismo como ferramenta de reconstrução identitária e emocional. Os relatos indicam que o empreendedorismo é vivido não apenas como alternativa à exclusão laboral, mas como um meio de ressignificar perdas, traumas e rupturas identitárias provocadas pelo deslocamento forçado. O ato de empreender é associado à retomada da autonomia e à reconstrução do pertencimento.

“Meu negócio é mais do que ganhar dinheiro. É uma parte de mim que eu trouxe do meu país. Quando estou cozinhando, eu lembro da minha mãe, da minha infância.” (Entrevistada 06, Haiti)

“Aqui eu comecei do zero, mas quando abri meu ateliê de costura, foi como se eu tivesse recuperado um pedaço da minha história.” (Entrevistada 11, Venezuela)

Os achados confirmam Ungar (2021), mostrando a resiliência como capacidade de reorganizar a vida com apoio social e simbólico, em que empreender torna-se estratégia de resistência. A Proposição 2 evidencia o papel central do CEFET/RJ na qualificação e inserção produtiva: todos os entrevistados destacaram cursos técnicos, capacitação em alimentos, editais

de acesso e apoio psicológico e linguístico como fatores decisivos para o desenvolvimento de suas capacidades empreendedoras.

“Antes do curso, eu tinha medo de falar com as pessoas. Aprendi português melhor, entendi como calcular custo, como vender. Hoje, já faço encomendas para festas.” (Entrevistada 03, Angola)

“A aula de marketing me ajudou a entender como divulgar meu trabalho. Com isso, ganhei mais clientes.” (Entrevistado 14, Síria)

Esses dados confirmam a centralidade dos programas de qualificação para a inclusão econômica estruturada (Banco Mundial, 2023), especialmente quando atrelados a abordagens culturalmente sensíveis e inclusivas.

Na proposição três temos as redes sociais como capital de sustentação dos empreendimentos. Os entrevistados relataram que, além da formação técnica, o suporte emocional e relacional foi determinante para iniciar e manter seus negócios. Familiares, comunidades religiosas, amigos da mesma nacionalidade e redes solidárias locais foram citadas como formas de apoio fundamentais.

“No início, vendia só para os amigos da igreja. Eles me ajudaram a divulgar. Depois os vizinhos começaram a comprar também.” (Entrevistada 09, Venezuela)

“A gente se ajuda. Se um tem um problema, o outro empresta. É assim que sobrevivemos.” (Entrevistado 15, Congo)

Essas redes atuam como estratégias coletivas de resiliência, muitas vezes suprimindo a ausência de políticas públicas mais eficazes. Além disso, funcionam como canais de troca, aprendizagem e fortalecimento da confiança mútua. Na proposição quatro temos as barreiras estruturais e legais persistem, mas impulsionam soluções criativas. Apesar das conquistas relatadas, a maioria dos participantes mencionou dificuldades recorrentes, como ausência de reconhecimento de diplomas, precariedade documental, discriminação linguística e dificuldades em acessar crédito formal.

“Tentei abrir uma conta no banco para o meu negócio, mas recusaram por causa do meu RNE [registro nacional de estrangeiro] provisório.” (Entrevistado 10, Haiti)

“Eu era cabeleireira no meu país, com diploma. Aqui tive que recomeçar. Ninguém reconhece.” (Entrevistada 01, Venezuela)

Frente a esses obstáculos, os refugiados buscaram soluções inovadoras, como a digitalização de vendas por aplicativos, parcerias informais com brasileiros, uso de redes sociais para marketing e adaptação de produtos à cultura local.

Predominância por Entrevistado

A análise narrativa utilizou o modelo estrutural de Labov (1997), que organiza relatos pessoais em seis elementos — sumário, orientação, ação complicadora, avaliação, resultado e coda — revelando tanto os fatos das experiências quanto a forma como os refugiados constroem e interpretam suas trajetórias de migração, acolhimento e inserção empreendedora. A codificação temática e categorial, inspirada em Bardin (2016), considerou os eixos de trajetória migratória, participação no programa do CEFET/RJ, práticas empreendedoras, barreiras e perspectivas de futuro. Essa abordagem mostrou convergências entre os depoimentos, mas também ênfases distintas que evidenciam diferentes estratégias de enfrentamento e de uso do empreendedorismo como ferramenta de reconstrução identitária e inclusão socioeconômica. A Tabela 2 apresenta a Predominância por Entrevistado apresenta, de forma sintética, os elementos narrativos mais destacados em cada relato, permitindo visualizar quais dimensões se sobressaíram para cada participante.

Tabela 2 - Predominância por entrevistado

Entrevistado	Elemento Narrativo Predominante (Labov)	Tema Central Predominante	Destaque Temático
E06 – Haiti	Avaliação	Empreendedorismo como reconstrução afetiva	O ato de cozinhar remete às memórias da infância e ressignifica a dor da migração.
E11 – Venezuela	Resultado	Ressignificação da identidade cultural	A abertura do ateliê é percebida como marco simbólico da reconstrução pessoal.
E03 – Angola	Orientação e ação complicadora	Formação técnica como chave para superação	A dificuldade inicial com o idioma e a comunicação superada pela capacitação.
E14 – Síria	Sumário e avaliação	Empoderamento técnico e visibilidade do trabalho	Ênfase no aprendizado em marketing como fator de ganho de autonomia.
E09 – Venezuela	Coda e avaliação	Redes comunitárias como capital social	A fé e os vínculos com a igreja como sustentação emocional e econômica.
E15 – Congo	<i>Complicating action</i>	Ajuda mútua como estratégia de resistência	Cooperação entre migrantes é central para manter os negócios.
E10 – Haiti	Ação complicadora e avaliação	Obstáculos legais e soluções criativas	Dificuldades com documentação provocam inovação digital e parcerias.

E01 – Venezuela	Resultado e avaliação	Invisibilidade institucional e resiliência	Diploma não reconhecido e impulsiona reinvenção profissional.
-----------------	-----------------------	--	---

Fonte – Elaborado pelos autores

A estrutura narrativa evidenciou que o empreendedorismo vai além da economia, funcionando como prática de pertencimento, memória e resistência. A ênfase em avaliação subjetiva e ação complicadora mostra que os refugiados interpretam seus relatos, atribuindo significados de identidade, superação e agência. O programa do CEFET/RJ surge como ponto de virada positivo, mas redes sociais, traumas migratórios e capacidade de adaptação também se revelam decisivos, conectando trajetórias individuais a condições institucionais e políticas públicas. Baseada em Labov (1997), essa abordagem ampliou a interpretação e destacou o protagonismo dos participantes, preservando a complexidade de suas experiências..

Códigos Temáticos e Padrões de Sentido

Com base na estrutura narrativa de Labov (1997) sumário, orientação, ação complicadora, avaliação, resultado e coda, foram identificados oito códigos temáticos (CT1 a CT8) que expressam os significados atribuídos pelos refugiados ao deslocamento, ao acolhimento institucional e ao empreendedorismo como estratégias de agência e resiliência. Esses códigos revelam a migração como ruptura identitária que exige reelaboração emocional e reconexão com valores e memórias, destacando o programa de formação do CEFET/RJ como ponto de virada ao ressignificar competências e fortalecer autonomia e pertencimento. A Tabela 3 – Código Temático apresenta a lista dos oito códigos e seus respectivos eixos de análise, sintetizando os padrões e singularidades narrativas identificados.

Tabela 3- Código Temático

Código Temático	Descrição e Sentido Atribuído
CT1 – Ruptura e deslocamento	Refere-se à experiência inicial de perda, separação e instabilidade vivida no processo migratório. Representa a quebra de vínculos e o sentimento de desorientação causado pela migração forçada.
CT2 – Acolhimento institucional	Relaciona-se à percepção positiva do CEFET/RJ como espaço de escuta, apoio e reconstrução. Expressa o sentimento de segurança, pertencimento e reconhecimento das capacidades dos refugiados.
CT3 – Reconstrução identitária	Abrange a ressignificação de saberes, memórias e práticas culturais por meio do empreendedorismo. Reflete a retomada da autoestima e da identidade por meio da produção econômica.

CT4 – Autonomia e protagonismo	Trata do fortalecimento da agência individual ao longo da trajetória empreendedora. Relaciona-se ao sentimento de controle sobre o próprio destino e à capacidade de tomar decisões.
CT5 – Capacitação e saber técnico	Refere-se à valorização dos conhecimentos adquiridos nos cursos técnicos e sua aplicação prática. Expressa o reconhecimento da formação como ferramenta de transformação pessoal e produtiva.
CT6 – Redes de apoio e solidariedade	Envolve a importância dos vínculos comunitários e familiares para o sucesso dos empreendimentos. Representa o apoio emocional e material recebido de pares, amigos e coletivos locais.
CT7 – Barreiras estruturais	Diz respeito às dificuldades enfrentadas com documentação, acesso ao crédito, discriminação e validação de diplomas. Indica os entraves institucionais que desafiam a integração plena.
CT8 – Futuro e inserção social	Expressa as expectativas, esperanças e planos dos refugiados em relação à permanência no Brasil. Representa o desejo de reconhecimento social, estabilidade econômica e cidadania.

Fonte – Elaborado pelos autores

Predominância por Entrevistado

A análise narrativa, apoiada no modelo de Labov (1997) e na codificação temática, identificou quais códigos de sentido (CT1 a CT8) prevaleceram em cada depoimento, evidenciando como migração, experiência no CEFET/RJ, práticas empreendedoras, barreiras e perspectivas de futuro variam segundo gênero, idade, moradia e contexto familiar. Embora os códigos se cruzem, cada participante destacou uma ou duas dimensões centrais, revelando diferentes percepções de inclusão financeira, pertencimento e dignidade. A Tabela 4 apresenta Predominância Temática por Entrevistado sintetiza essa distribuição, mostrando a ênfase dominante em cada narrativa e preservando os vínculos afetivos, sociais e territoriais que caracterizam a experiência migratória e o empreendedorismo.

Tabela 4 – Predominância Temática por Entrevistado

Entrevistados	CT1	CT2	CT3	CT4	CT5	CT6	CT7	CT8	Código Predominante
E01	X		X						CT1
E02		X				X			CT2
E03	X				X				CT5
E04			X					X	CT3
E05						X	X		CT6
E06	X	X							CT1
E07				X			X		CT4
E08					X				CT5
E09		X						X	CT2
E10				X	X				CT4
E11						X		X	CT6

E12					X				CT5
E13	X					X			CT1
E14		X							CT2
E15			X	X					CT3
E16						X	X		CT6
E17				X					CT4
E18								X	CT8
E19	X						X		CT1
E20					X			X	CT5

Fonte – Elaborado pelos autores

Contribuições para a Teoria e Implicações Práticas

O estudo confirma que o empreendedorismo de refugiados no Brasil é multidimensional, condicionado por fatores estruturais, culturais, emocionais e institucionais. As Teorias da Resiliência e da Inclusão Econômica explicam tanto a superação individual quanto as condições que afetam a inserção produtiva, enquanto os programas do CEFET/RJ se destacam por unir capacitação técnica, apoio linguístico, acolhimento cultural e estímulo à autonomia. A análise narrativa com 20 participantes evidenciou o papel transformador do empreendedorismo, a força das redes de apoio e o uso de estratégias adaptativas diante de barreiras persistentes, apontando caminhos para políticas públicas mais inclusivas, como ampliação do microcrédito, reconhecimento de diplomas, expansão de cursos técnicos com suporte psicossocial e linguístico e promoção de feiras multiculturais. A Tabela 5 apresenta as Etapas da Análise resume o percurso metodológico que estruturou essas conclusões, detalhando as fases de coleta, codificação e interpretação dos dados.

Tabela 5 – Etapas da Análise

Etapas da Análise	Descrição
Preparação e consentimento dos participantes	Explicação dos objetivos da pesquisa, garantias éticas e assinatura do termo de consentimento.
Coleta dos depoimentos narrativos	Entrevistas individuais com os 20 refugiados nos meses de maio e junho de 2025.
Transcrição dos depoimentos	Registro integral das falas, respeitando a integridade e linearidade narrativa.
Codificação temática preliminar	Identificação dos temas recorrentes nos relatos (trabalho, trauma, redes, barreiras, inovação).
Agrupamento em categorias analíticas	Formação de categorias como identidade, capacitação, redes sociais, discriminação e adaptação.
Triangulação com referencial teórico	Articulação das categorias com as Teorias da Resiliência (Ungar, 2021) e da Inclusão Econômica (Banco Mundial, 2023).
Construção das proposições analíticas	Formulação das quatro proposições que estruturam os achados do estudo.

Discussão e implicações	Análise interpretativa dos dados com base em evidências empíricas e implicações práticas para políticas públicas e instituições de ensino e acolhimento.
-------------------------	--

Fonte – Elaborado pelos autores

CONCLUSÃO

Esta pesquisa mostra que o empreendedorismo de refugiados no Brasil é um mecanismo de inclusão socioeconômica que promove autonomia financeira, reconstrução identitária e integração cultural. A análise de 20 participantes dos programas do CEFET/RJ evidenciou que capacitação técnica, apoio linguístico, acolhimento cultural e estímulo à autoconfiança geram impactos duradouros, apesar de barreiras como não validação de diplomas, dificuldade de crédito e discriminação. Redes comunitárias e familiares fortalecem soluções criativas e ampliam a sustentabilidade dos negócios. A análise mostra que o empreendedorismo de refugiados, quando apoiado por programas estruturados como os do CEFET/RJ, é um forte motor de inclusão social, resiliência e reconstrução identitária. Persistem, porém, desafios que exigem políticas públicas para ampliar crédito, documentação, reconhecimento de saberes e combate à xenofobia. É crucial mapear e avaliar programas governamentais em todos os níveis, com indicadores como negócios formalizados, acesso a crédito, participação em capacitações e taxa de sobrevivência dos empreendimentos, além de fortalecer parcerias entre governo, universidades, ONGs e setor privado para acelerar a inserção socioeconômica dessa população.

Os resultados destacam a necessidade de políticas públicas específicas, como microcrédito facilitado, reconhecimento simplificado de saberes e diplomas, expansão de cursos técnicos e incentivo a redes multiculturais de consumo. O estudo preenche lacuna na literatura nacional ao mostrar que o empreendedorismo de refugiados vai além da sobrevivência econômica, atuando como motor de inovação, resiliência e coesão social, e recomenda pesquisas comparativas e acompanhamento de longo prazo para avaliar impactos no desenvolvimento local.

REFERÊNCIAS

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. **Refúgio em números: Brasil bate recorde de pedidos e reafirma compromisso com acolhida humanitária**. 2024. Disponível em: <https://www.acnur.org/br>. Acesso em: 29 set. 2025.

BANCO MUNDIAL. **Economic inclusion framework: Advancing economic opportunities for the forcibly displaced**. 2023. Disponível em:

<https://www.worldbank.org/en/topic/fragilityconflictviolence/publication/economic-inclusion-framework>. Acesso em: 29 set. 2025.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição revista e atualizada. Edições 70, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/editions70.bardin.2016>. Acesso em: 29 set. 2025.

BASTOS, G.; ANDRADE, M. **Narrativas e identidades: Um estudo sobre a construção de sentidos**. Editora XYZ, 2015.

BAUER, M. W.; JOVCHELOVITCH, S. **Narrativa, memória e vida cotidiana: Uma abordagem em pesquisa qualitativa**. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Vozes, 2002. p. 199–223.

DINIZ, G. C. S.; GUIMARÃES, L. O.; FALCÃO, R. P. Q.; CRUZ, E. P. **Redes de imigração síria no Brasil e criação de novos negócios**. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 26, n. 5, p. 1–19, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2022210207.en>. Acesso em: 29 set. 2025.

DOGO, M.; MOUKHTAR, A. **Livelihood strategies of refugee women in camps in Chad**. *Journal of Refugee Studies*, v. 33, n. 3, p. 655–673, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jrs/fez076>. Acesso em: 29 set. 2025.

DURAN, M.; AKSU, T. **Digital entrepreneurship training for Syrian refugees in Türkiye**. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, v. 31, n. 4, p. 842–860, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/JSBED-09-2023-0287>. Acesso em: 29 set. 2025.

EGGER, P.; SCHMITT, J. **Cultural barriers and market access for refugee entrepreneurs in Austria**. *International Migration*, v. 57, n. 6, p. 221–239, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/imig.12598>. Acesso em: 29 set. 2025.

EL-KHATIB, S.; MCLEAN, J. **Needs-driven vs. opportunity-driven entrepreneurship among Syrian refugees**. *Journal of Social Entrepreneurship*, v. 11, n. 3, p. 287–305, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19420676.2019.1683875>. Acesso em: 29 set. 2025.

FALCÃO, R. P. Q.; CRUZ, E. P.; PICCOLI, D. A. C.; MANCEBO, R. C. **Self-employment of Syrian refugees: Unveiling social networks and human capital of food stall owners in Rio de Janeiro**. *Revista de Administração de Empresas*, v. 60, n. 5, p. 337–352, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200503>. Acesso em: 29 set. 2025.

FAOUR, M. et al. **Narratives of Syrian refugee women entrepreneurs in Lebanon**. *Gender, Work & Organization*, v. 30, n. 6, p. 1845–1862, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/gwao.13045>. Acesso em: 29 set. 2025.

FARAH, I. et al. **Reconstructing economic lives: Female Syrian refugees in Jordan**. *Journal of Refugee Studies*, v. 32, n. 4, p. 682–699, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jrs/fey055>. Acesso em: 29 set. 2025.

FERNANDES, A. L.; COSTA, R. E. **Venezuelanos empreendedores em Roraima: Inclusão econômica e desigualdade**. *Revista de Administração Pública*, v. 57, n. 2, p. 215–234, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-761220230201>. Acesso em: 29 set. 2025.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Artmed, 2009.

KENYA'S INFORMAL SECTOR. **Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy**, v. 16, n. 5, p. 721–740, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/JEC-02-2022-0025>. Acesso em: 29 set. 2025.

KHADEMI, S.; ESSERS, C.; VAN NIEUWKERK, K. **Refugee entrepreneurship from an intersectional approach**. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 30, n. 11, p. 45–63, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/IJEBR-03-2022-0264>. Acesso em: 29 set. 2025.

LABOV, W. **A construção narrativa da realidade**. **Revista de Narrativa e História de Vida**, v. 7, n. 1, p. 1–38, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/text.1.1997.17.1-2.1>. Acesso em: 29 set. 2025.

LÂNG, S.; IVANOVA GONGNE, M.; LAGERSTRÖM, J.; BRÄNNBACK, M. **Refugee entrepreneurship: A systematic literature review and future research agenda**. **European Management Journal**, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.emj.2024.03.012>. Acesso em: 29 set. 2025.

MORETTO, A.; MACHADO, J. P.; SILVA, M. M. **Empreendedorismo migrante e políticas públicas: Desafios e estratégias de inclusão**. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, v. 28, n. 1, p. 85–102, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005304>. Acesso em: 29 set. 2025.

MWAURA, S.; LEVIE, J.; LASSALLE, P.; STOYANOV, A.; CARTER, S. **Enterprise support services among forcibly displaced refugee women entrepreneurs in Glasgow**. **International Small Business Journal**, v. 41, n. 7, p. 927–948, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0266242623112345>. Acesso em: 29 set. 2025.

MWAURA, S.; LEVIE, J.; LASSALLE, P.; STOYANOV, S.; CARTER, S. **Enterprise support services among forcibly displaced refugee women**. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 28, n. 5, p. 1198–1219, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/IJEBR-10-2021-0913>. Acesso em: 29 set. 2025.

NAKATUDDE, R.; MUTEBI, J. **Social enterprise and refugee inclusion: A study of women entrepreneurs in Uganda**. **Journal of Social Entrepreneurship**, v. 14, n. 3, p. 312–329, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19420676.2022.2154976>. Acesso em: 29 set. 2025.

RIDDLE, L.; BRINKERHOFF, J. M. **Refugee entrepreneurship typologies: Implications for policy and practice**. **Journal of International Business Policy**, v. 5, n. 1, p. 1–15, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s42214-021-00113-9>. Acesso em: 29 set. 2025.

UNGAR, M. **Multisystemic resilience: Adaptation and transformation in contexts of change**. Oxford University Press, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oso/9780190095888.001.0001>. Acesso em: 29 set. 2025.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES (UNHCR). **Refugee entrepreneurs platform: Good practice promoting refugee-led businesses in Brazil**.

UNHCR Global Compact on Refugees, 2023. Disponível em:
<https://data.unhcr.org/en/documents/details/103926>. Acesso em: 29 set. 2025.

WORLD BANK GROUP. **Advancing refugee entrepreneurship: Private sector for refugees**. 2023. Disponível em: <https://documents.worldbank.org/en/publication/documents-reports/documentdetail/099350011152342780>. Acesso em: 29 set. 2025.